

**EIXO TEMÁTICO 1:** *Violência Escolar*

Segundo a cartilha *A educação que protege contra a violência*, produzida pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) globalmente, cerca de 150 milhões de adolescentes entre 13 e 15 anos tiveram alguma experiência de violência, entre pares, dentro ou ao redor da escola. A Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PeNSE), 2015, do IBGE, focada em estudantes do nono ano do Ensino Fundamental, indicou que 14,8% de estudantes declararam deixar de ir à escola, pelo menos um dia, nos 30 dias anteriores à pesquisa, por não se sentirem seguros no caminho de casa para a escola ou da escola para casa e 9,5% porque não se sentiram seguros no ambiente escolar.

Os casos mais recentes de violência escolar no Brasil mostram um quadro que vem se agravando nos últimos anos. Segundo o relatório *“O extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para ação governamental”*, produzido por pesquisadores e ativistas dedicados à educação pública e à prevenção do extremismo de direita no país, durante o processo de transição governamental, aconteceram 16 ataques entre 2002 e 2022. Ao todo, 35 pessoas morreram e 72 sofreram ferimentos. Nos primeiros meses de 2023, novos casos foram registrados no país, entre eles, o ataque de um ex-aluno a uma escola em São Paulo, que deixou uma professora morta e quatro pessoas feridas; e o atentado à creche em Santa Catarina, que vitimou quatro crianças.

A pesquisadora e professora do Programa de Pós-graduação em Saúde da Criança e da Mulher (PGSCM) do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz) Suely Deslandes classifica a violência nas escolas em três vertentes – violência contra as escolas, de depredação e ataques aos prédios escolares e a seus profissionais. Já a violência nas escolas reúne uma série de fatores, situações de bullying, de agressões entre membros da comunidade escolar e seu entorno. Por fim, ela menciona a violência da escola enquanto instituição social, que produz discriminações, e por vezes reforça um discurso de meritocracia que não leva em conta as realidades socioeconômicas de seus alunos. “Precisamos refletir acerca da política que é produzida pela escola enquanto sistema escolar. Esse ambiente inclui ou exclui? Ele atrai ou afasta meninos e meninas? É preciso descortinar e dar luz a esse diálogo, para que seja possível pensar estratégias de mudança,” explica Deslandes.

A violência no âmbito escolar tem influência sob todos, visto que tem se instalado de diversas formas, afetando a qualidade de vida pessoal e social, além de ocasionar males a saúde física e psicológica. Como respostas a essas diversas formas de violência no ambiente escolar, algumas estratégias de enfrentamento vêm sendo adotadas.

Segundo Suely Deslandes algumas experiências internacionais e nacionais têm se mostrado eficientes e têm servido de modelo para discussões de uma cultura de paz e de enfrentamento à violência escolar. “A cultura de paz fala sobre uma iniciativa não violenta, de justiça restaurativa, equidade social, um conjunto de pressupostos, inclusive políticos, na condução das relações de comunicação, democracia, participação e inclusão familiar. Esse espaço para diálogo e o cultivo da resiliência e da empatia são elementos-chave para que toda a comunidade escolar conviva de forma íntegra e respeitosa”, enfatiza.

## Estratégias de enfrentamento

Como resposta à violência nas escolas, a Comissão da Criança, do Adolescente e da Pessoa Idosa, da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro em parceria com um grupo diverso de pesquisadores compoem uma equipe multidisciplinar, com a participação de pesquisadores do IFF/Fiocruz e da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, dentre outras instituições, se reuniram em um seminário, no mês de junho, para uma discussão acerca do tema. A iniciativa teve como objetivo desenvolver propostas baseadas em uma perspectiva de efetiva intersetorialidade entre as políticas públicas, entendendo que a violência nas escolas não é um problema isolado, mas uma questão complexa que exige uma abordagem abrangente e interdisciplinar.

Como membro do grupo, Suely Deslandes fez uma breve explanação sobre experiências que, embora circulem na mídia, têm se mostrado ineficientes, principalmente em países da Europa e nos Estados Unidos. "Implantar um sistema de policiamento em salas de aula, treinar professores para manobras militares, entre outras ações de militarização, são iniciativas fracassadas e ineficientes, pois aumentam o clima de medo, a discriminação, o racismo e os conflitos. Precisamos enfrentar a violência estrutural através da valorização do corpo docente, do olhar compassivo ao ambiente escolar, da inclusão familiar," finaliza a pesquisadora.

## EIXO TEMÁTICO 2: *Tecnologia e adolescência*

### O ADOLESCENTE E A VIDA NOS ESPAÇOS REAL E VIRTUAL

Com a crescente entrada da tecnologia digital no cotidiano do ser humano, novos problemas sociais e comportamentais surgem. Diante desse cenário, o acesso fácil e irracional às tecnologias pode acarretar uma dependência digital. Segundo Schwartz *apud* Nardon<sup>15</sup>, a internet está cada vez mais presente no cotidiano das pessoas, principalmente na vivência dos jovens. Os adolescentes, como um segmento social que é mais susceptível às transformações das tecnologias digitais, herdaram a facilidade de adquirir um vício. Dessa forma, a tecnologia torna-se um fator de isolamento social, que compromete a capacidade de socialização dos adolescentes, que não conseguem mais distinguir a realidade do mundo virtual.

Sob o ponto de vista de Nardon<sup>15</sup>, é na adolescência que o convívio social se amplia, com a participação nos diferentes grupos, aos quais os adolescentes pertencem, como: escola, esportes, cursinhos, lazer, entre outros. Porém, nem sempre é assim, o que deveria ser uma relação de afetividade e encontro com grupos do mesmo interesse, em alguns casos, fica à mercê da comunicação digital. Lévy<sup>16</sup> "*reconhece que há dependentes na internet que passam horas em frente ao computador, participando de salas de bate-papo, de jogos on-line ou, até mesmo, surfando interminavelmente de página em página*".

Esse autor também afirma que, no presente, os adolescentes estão trocando as conversas pessoais socializadoras por um mundo virtual, em que se comunicam através de *chats*, mensagens instantâneas, *blogs*, jogos *on-line* e redes sociais, partilhando de uma nova cultura, em que a interação só acontece por meios eletrônicos.

Fonte<sup>17</sup> explica que, por meio da internet, o adolescente consegue fazer contatos pessoais que, fora desse meio, não consegue. Entretanto, esses contatos são "superficiais" e de "falsa intimidade" e facilitam o afastamento social.

Na visão de Piaget<sup>18</sup>,

*"o homem é um ser essencialmente social, impossível, portanto de ser pensado fora do contexto da sociedade em que nasce e vive. Em outra palavra, o homem não social, o homem considerado como molécula isolada do resto*

*dos seus semelhantes, o homem visto como independente das influências dos diversos grupos que frequenta, o homem visto como imune aos legados da história e da tradição esse homem simplesmente não existe".*

Esse autor entende que o "ser social" é aquele que consegue se relacionar com seus semelhantes de forma equilibrada. Isso quer dizer que o ser humano necessita de convívio social. Nardon<sup>15</sup> expõe que os adolescentes que têm um bom relacionamento social têm mais possibilidades de construir um bom desenvolvimento psicossocial. O uso contínuo da internet faz com que não se desenvolvam com plenitude, o que fará com que tenha dificuldades na vida adulta.

Tomando como base os pensamentos do autor citado acima, o uso desmoderado da internet pode acarretar uma confusão do real com o virtual. As tecnologias digitais vêm alterando a forma como as pessoas interagem, inibindo a interação física e gerando um comodismo. Isso pode causar problemas sociais, como separação do convívio social, solidão e depressão. Quanto aos adolescentes, para preencher o vazio deixado pelo isolamento social, apegam-se às redes sociais, porque lhes dão a impressão de que nunca estão sós e infelizes, via amigos virtuais e compartilhamentos de informações.

No entanto, quando se desconectam, a realidade se torna distorcida, como se as pessoas ao seu redor não fizessem parte do seu cotidiano, devido à falsa impressão de felicidade proporcionada pelas interações no mundo virtual. Assim, como estão permanentemente interligados às redes digitais, acabam se distanciando realmente das outras pessoas, seja afetiva ou socialmente. Esse afastamento social se agrava na evolução da dinâmica entre os seres humanos, razão por que tem sido o foco de estudo de muitos pesquisadores.

Segundo Burgos<sup>19</sup>,

*"o tempo gasto na vida on-line vem causando, desde meados de 2008, algumas discussões e correntes contra a chamada hiperconexão ininterrupta, que vão da hipótese sobre a diferença do funcionamento do cérebro das pessoas que passam tempo em demasia na internet, descrita no livro Geração Superficial de Nicholas Carr (2010), passando pela "iDisorder", de Larry Rosen (2012), que defende que a obsessão por gadgets causa transtornos psiquiátricos na população mundial".*

Um estudo sobre o uso excessivo da tecnologia por adolescentes apontou que eles podem desenvolver características narcisistas, ter comportamento antissocial, tendências agressivas, manias, distúrbios do sono, ansiedade, depressão, problemas na linguagem escrita e transtornos de atenção e aprendizagem, sendo essas, umas das disfunções mais comuns entre esses usuários. Os problemas, segundo a pesquisa do Dr. Larry Rosen<sup>20</sup>, foram observados nos mais de mil adolescentes entrevistados para o trabalho.

De acordo com Rosen<sup>20</sup>, mais pessoas estão se tornando narcisistas, por estarem lidando com ferramentas que oferecem mecanismos permanentes de exposição, e se apresentando para o mundo como se só se importassem consigo mesmas. Também estão ficando obcecadas e compelidas a checar constantemente o telefone. O estudo evidenciou que a população está ficando deprimida quando não tem coisas maravilhosas para mostrar aos outros no *Facebook*. São adolescentes que sofrem crises de ansiedade por estarem sem sinal de internet, estudantes que perdem a capacidade de se concentrar e até programador que começou a desenvolver esquizofrenia por viver isolado, interagindo só via *web*.

Assim, os adolescentes em constante relação com as tecnologias digitais correm o risco de ficar dependentes da conexão permanente. Essa dependência pode provocar vários distúrbios, perturbações e vícios relacionados à overdose virtual.

## O QUE SE PERDE E O QUE SE GANHA COGNITIVAMENTE?

A tecnologia sempre afetou o homem, desde a introdução dos rádios e dos televisores nos lares, o que contribuiu para diversas mudanças de hábito. Nos últimos anos, essas alterações vêm se tornando mais visíveis, principalmente quando se observam os adolescentes. Eles têm mais contato com o mundo digital, e isso gera diversos problemas, devido a estarem sempre dividindo sua atenção entre o mundo real e o virtual.

Dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.Br<sup>21</sup> - apontam que o nível de frequência de uso da internet por adolescentes para determinadas atividades, como a troca de mensagens instantâneas, por exemplo, é bem superior ao uso para pesquisas escolares e que o uso diário da tecnologia, sobretudo da internet, é muito mais frequente para a troca de mensagens instantâneas (75%) e a interação em redes sociais (56%), via aplicativos de celulares e computadores, e o uso para pesquisas escolares fica na quinta posição (21%). Esses números evidenciam que o uso excessivo dessas tecnologias é um fator preocupante para o desenvolvimento cognitivo dos adolescentes, porque poderá trazer consequências, como isolamento social, falta de interesse pelos estudos e ansiedade<sup>22</sup>, e exercer influência em seu desenvolvimento educacional, alterando a sua cognição.

A cognição envolve os mecanismos cognitivos individuais e distribuídos, inerentes às atividades em colaboração, que envolvem percepção, atenção, memória, linguagem e raciocínio, atividades cujas origens são culturais<sup>23</sup>. Em outras palavras, cognição é o ato ou processo de adquirir conhecimentos e um procedimento por meio do qual o ser humano interage com seus semelhantes e com o meio em que vive, sem perder sua identidade.

Hoogeveen<sup>24</sup> refere que essa potencialidade da tecnologia digital está diretamente ligada à sua capacidade de excitar o indivíduo e de estimular os sistemas auditivo, visual e emocional, o que altera sua capacidade cognitiva, tanto benéfica quanto maleficamente, a depender da forma e da intensidade com que é usada.

*"Vários estudos mostram que os usuários regulares da Internet têm aumentado a atividade nas regiões pré-frontais do cérebro envolvido na tomada de decisões e resolução de problemas. Se essa atividade se prolonga, o que é de costume, o usuário passa o tempo avaliando as ligações e fazendo escolhas, ao mesmo tempo em que processa o impacto e a importância de cada nova imagem, vídeo ou banner que aparece na tela. Em consequência, a atividade cerebral é mantida a um nível tão superficial que impede a retenção de informação. Ao manter constantemente ativas as funções executivas do córtex cerebral a sobrecarga cognitiva aparece: a informação passa na frente dos nossos olhos, mas não é mantida"<sup>25</sup>.*

O poder que as tecnologias digitais exercem sobre os adolescentes afeta sua cognição, devido ao fato de as estimulações audiovisuais e emocionais estarem em sua atividade máxima. O grande volume de dados recebidos pelo cérebro, em forma de texto, imagens e vídeos, pode fazer com que a memória de trabalho fique saturada e haja uma sobrecarga cognitiva. Segundo Cánovas<sup>25</sup>, em nenhum momento, é permitido ao cérebro ativar sua memória de longo prazo. O resultado disso é que a informação não gera conhecimentos.

*"O acesso à informação não é garantia que disso resulte conhecimento e, muito menos aprendizagem. Para que tal ocorra, é necessário que, frente às informações apresentadas, as pessoas possam reelaborar o seu conhecimento, visando uma nova construção. Essa construção deverá estar alicerçada em parâmetros cognitivos que envolvam a autorregulação, aspectos motivacionais, reflexão e criticidade frente a um fluxo de informações que se atualizam permanentemente"<sup>26</sup>.*

A simples aquisição de dados não é aprendizagem. Os adolescentes não estão adquirindo a compreensão necessária, e a informação não está sendo processada nem associada a outras para gerar um entendimento mais profundo.

A utilização da tecnologia de forma indiscriminada pelos adolescentes provoca o desequilíbrio cognitivo do ser. Com isso, ela potencializa os transtornos de atenção, transtornos obsessivos, de ansiedade e problemas com a linguagem e a comunicação, o que afeta diretamente a aprendizagem<sup>27</sup>.

*"Em pleno Século XXI onde a tecnologia está cada dia mais avançada, as pessoas adquirem doenças e problemas psicológicos frequentes. A tecnologia com os processos de automação leva as pessoas a assumirem uma vida sedentária, já que, a comodidade, rapidez e flexibilidade na aquisição de informação diminuem o esforço das pessoas em buscar fontes alternativas de lazer, trabalho e estudo".<sup>28</sup>*

Carr<sup>29</sup> ressalta que a divisão da atenção exigida pela tecnologia digital estressa ainda mais nossas capacidades cognitivas, diminui nossa capacidade de aprender e enfraquece nossa compreensão. Isso significa que, quando se trata de suprir a mente com a matéria-prima do pensamento, mais pode ser menos.

Com a crescente utilização das tecnologias digitais pelos adolescentes, é apresentada uma variedade de informações simultaneamente, inúmeras abas são abertas no navegador assim como alertas de e-mails, e celulares vibram constantemente. São muitas atrações simultâneas, que dificultam manter a concentração em determinada atividade e é complicado selecionar suas necessidades principais ou inibir suas distrações. Como resultado, tem-se uma geração mais distraída e imediatista.